

LINGUAGEM E COGNIÇÃO: BREVE DEBATE ACERCA DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL SOB A PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DA LINGUAGEM

Sueder Souza¹

RESUMO: A relação estabelecida entre linguagem e cognição é estreita, interna e de recíproca constitutividade, ou seja, supõem-se que “não há possibilidades integrais de pensamentos ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos.” (KOCH, 2009, p. 32). Dessa forma, buscamos o ponto de partida na Linguística Textual, com um enfoque sociocognitivo-interacionista, que se debruça sobre uma prospectiva social com vista na demanda que os modos de comunicação, cada vez mais, tronam-se imprescindíveis e, até mesmo, determinantes pela condição de organização cognitiva do mundo (ANTOS & TIETZ, 1997 apud KOCH, 2009, p. 174). Assim, de acordo com esse cenário buscamos explicitar a evolução cultural da geração (e re-geração), organização e transmissão de formas de cognição social e de formas de uso social do conhecimento, inclusive formas de distribuição sócio-comunicativa e cognitiva (ANTOS & TIETZ, 1997 apud KOCH, 2009, p. 174), ou seja, lançar luzes tanto à teoria social quanto a teoria cognitiva, dissertando sob o construto da Linguística Textual sob a perspectiva da sociocognição.

Palavras-chave: Sociocognição; Linguística Textual; Linguagem e Cognição.

ABSTRACT: The relationship established between language and cognition is narrow, internal and mutual constitutivity, or is assumed to be "no full possibilities of thought or cognitive domains outside of language or language of possibilities out of human interactive processes." (KOCH, 2009, p. 32). Thus, we seek the starting point in Text Linguistics, with a sociocognitive-interactional approach, which focuses on a social prospective view demand that the modes of communication, increasingly, are essential and even decisive the condition of cognitive organization of the world (ANTOS & Tietz 1997 apud KOCH, 2009, p. 174). Thus, according to this scenario we tried to explain cultural evolution of the generation (and re-generation), organization and transmission of forms of social cognition and forms of social use of knowledge, including forms of social communicative and cognitive distribution (SANTOS & Tietz 1997 apud KOCH, 2009, p. 174), or shed light both social theory and cognitive theory, expounding on the construct of Text Linguistics from the perspective of sociocognition.

Keywords: Sociocognition; Text Linguistics; Language and Cognition.

Introdução

O desafio da Linguística no Século XXI está centrado em contribuir para as soluções de problemas sociais, através de estudos e descobertas sobre a linguagem (ABAURRE, 2003, p. 24; FIORIN, 2003, p. 72-75; MATOS, 2003, p. 94-96; KOCH, 2003, p. 127-129; MARCUSCHI, 2003, p. 140).

¹ Discente do Curso de Letras Português e Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Curitiba/Brasil. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq e membro dos Grupos de Pesquisa em: Estudos da Linguagem, Estudos dos Sons da Fala e Discurso sobre Trabalho, Tecnologias e Identidades. Também é membro associado da ALAB e do GEL-SP. E-mail: swedersouza@gmail.com.

Sendo assim, compete à Linguística Textual partir em um enfoque sociocognitivo-interacionista, se debruçando sobre uma prospectiva social, com vistas na demanda em que os modos de comunicação tornam-se cada vez mais imprescindíveis e até mesmo determinantes, pela condição de organização cognitiva do mundo (ANTOS & TIETZ, 1997 *apud* KOCH, 2009, p. 174).

De forma a explicitar a evolução cultural da geração (e re-geração), organização e transmissão de formas de cognição social e de formas de uso social do conhecimento, inclusive formas de distribuição sócio-comunicativa e cognitiva (ANTOS & TIETZ, 1997 *apud* KOCH, 2009, p. 174), ou seja, lançar luzes tanto a teoria social quanto a teoria cognitiva, dissertando sob o construto da sociocognição.

A relação estabelecida entre a linguagem e a cognição é estreita, interna e de recíproca constitutividade, supõem-se que “não há possibilidades integrais de pensamentos ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos.” (KOCH, 2009, p. 32).

Em consonância com a essa conjectura, Koch (2009) enfatiza junto a Morato (2001) que “a linguagem é tida como o principal mediador da interação entre as referências do mundo biológico e as referências do mundo sociocultural” (KOCH, 2009, p. 32). Assim, a construção do conhecimento que envolve qualquer relação comunicacional entre sujeitos, se configura como um produto da interação social e não de uma mente isolada. Dessa forma, a cognição passa a ser vista como uma construção social, necessitando assim de uma teoria linguística, uma teoria social e uma cognitiva para nos debruçarmos. Em consonância com esse construto, Marcuschi (2002), ressalta que:

[...] o problema na análise da construção do sentido tem sido que os cognitivistas tenderam a estudar os falantes e ouvintes como indivíduos. Suas teorias são tipicamente sobre os pensamentos e as ações de falantes isolados. Por outro lado, os cientistas sociais [...] tendem a estudar o uso linguístico primariamente como uma atividade conjunta. (MARCUSCHI, 2002, p. 24).

Se analisarmos as atividades com este olhar podemos ter uma visão mais clara de como emergem as propriedades de cognição e assim captar o dinamismo dos processos que dão origem as estruturas conceituais complexas, como: “as metáforas, metonímias, ironias, idiomatismos, polissemias, indeterminação referencial, dêiticos, anáforas etc., chegando à própria noção de contexto” (MARCUSCHI, 2002, p. 46).

Dessa forma, Bentes (2010) destaca algumas tarefas urgentes que devemos nos ater na pesquisa em Linguística Textual:

A meu ver, continuamos a ter pela frente uma urgência de várias tarefas dentre as quais: o aprofundamento das descrições e análises das complexas estruturas textuais; as análises dos processos cognitivos constitutivos e incorporados as interações sociais que estão na base da produção e recepção dos textos; as investigações das dimensões socio-interacionais da produção e da recepção dos textos; as investigações que enfatizem o entendimento do fenômeno textual articulando seus aspectos formais e socio-históricos (HANKS, 2008 *apud* BENTES, 2010, p. 156)

Dessa forma, propomos discutir o processo de ordem linguística, social e cognitiva do trabalho com o texto, considerando o objetivo de promover a aquisição da competência comunicativa dos sujeitos nas diversas situações sócio-interativas e esferas sociais que vem se consolidando e abrangendo uma demanda maior dos estudos textuais. Atualmente sabemos que a perspectiva é que a Linguística Textual venha constituir como base integrativa de todas as ciências que tenham como foco o estudo do ser humano. (ANTOS e TIETZ, 1997 *apud* KOCH, 2009).

O percurso da Linguística Textual: brevíário

Na década de 80, quando ocorre a virada pragmática, os processos de origem cognitiva ganham espaço entendendo que em toda ação ocorre o acionamento de modelos mentais de operações. Assim, “o texto passa a ser considerado como resultado de processos mentais” (KOCH, 2009, p. 21). Nessa perspectiva, Heinemann & Viehweger (1991, *apud* KOCH, 2009, p. 22-24), postulam que para que ocorra o processamento textual, é necessário quatro grandes sistemas de conhecimento: o linguístico (conhecimentos gramatical e lexical), responsável pela articulação som-sentido; o enciclopédico, semântico ou conhecimento de mundo, que se encontra armazenado na memória de cada indivíduo, podendo ser declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo) ou episódico (modelos cognitivos socioculturalmente determinados); o conhecimento sociointeracional, que diz respeito às ações verbais, sobre as formas de inter-ação através da linguagem; e o conhecimento referente a modelos textuais globais, que permite reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo.

De acordo com cada um desses sistemas, quando ativados por ocasião do processamento textual, existe um conhecimento em relação a sua efetivação. O conhecimento Procedural então “funcionaria como uma espécie de ‘sistema de controle’ dos demais sistemas, no sentido de adaptá-los ou adequá-los às necessidades dos interlocutores no momento da interação” (KOCH, 2009, p. 25, grifo da autora).

O conhecimento procedural acarreta também o saber sobre as práticas peculiares, em relação ao meio sociocultural em que se insere os interactantes e também os domínios desenvolvidos nas estratégias de interação, como: a preservação das faces, representação positiva do self [ego/personalidade], polidez, negociação, atribuição de causas a mal-entendidos ou fracassos na comunicação, entre outras. Dessa forma, concretizam-se através de estratégias de processamento textual (KOCH, 2009, p. 25).

Essas estratégias de Processamento Textual implicam, segundo Koch (2009, p. 25-28), a mobilização online dos diversos sistemas de conhecimento e podem ser divididas em: cognitivas (execução de cálculo mental/inferências); Sociointeracionais (jogos de linguagem, formas de atenuação etc.); e Textualizadoras (escolhas textuais em vista da produção de determinados sentido).

Nessa percepção,

[...] o texto é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas” (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981, *apud* KOCH, 2009, p. 22),

cabendo à LT o desenvolvimento de modelos procedurais de descrição do texto “capazes de dar conta dos processos cognitivos que permitem a integração dos diversos sistemas de conhecimento dos parceiros da comunicação, na descrição e na descoberta de procedimentos para sua atualização e tratamento [...]” (KOCH, 2009, p. 22).

Desde o início dessa fase, uma nova concepção de texto foi formulada, postulando assim os Critérios de Textualidade, que foram apresentados por Beaugrande & Dressler (1981), e que recentemente vem sendo denominados Princípios de Construção Textual do Sentido (MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2009).

De acordo com esse levantamento, toda essa nova perspectiva, quanto aos princípios de textualidade, se deve ao questionamento da divisão entre fenômenos mentais e sociais que consta nas abordagens cognitivas clássicas, uma vez que interessa ao cognitivismo “explicar como os conhecimentos que um indivíduo possui estão estruturados em sua mente e como eles são acionados para resolver problemas postos pelo ambiente” (KOCH, 2009, p. 29), ou seja, “a cultura e a vida social seriam parte deste ambiente e exigiriam a representação, na memória, de conhecimentos especificamente culturais” (KOCH, 2009, p. 29).

Koch (2009) entende que a cultura, subsidiária e dependente do conjunto de mentes que a compõem, é um fenômeno passivo, sob o qual as mentes atuam. (KOCH, 2009, p. 30). No entanto, algumas áreas da ciência, tais como a Neurobiologia, a Antropologia, a Neurociência Cognitiva, e no nosso caso, a própria Linguística, após estudos mais profundos sobre a relação entre mente e corpo, “constatam que muitos dos nossos processos cognitivos têm por base mesma a percepção e capacidade de atuação física no mundo.” (KOCH, 2009, p. 30).

Tal constatação, nos deixa entender que, segundo Koch (2009), muito da cognição acontece fora das mentes e não somente dentro delas, ou seja, a cognição é um fenômeno situado, não sendo simples traçar o ponto exato em que a cognição está dentro ou fora das mentes, pois o que existe aí é uma inter-relação complexa.

[...] desta forma, na base da atividade lingüística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos lingüísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente (KOCH, 2009, p. 31).

Linguística Textual: entre o social e o cognitivo

Partindo do entendimento de que a cognição é um fenômeno situado de inter-relação entre eventos mentais e sociais, é que surge a perspectiva interacionista da Linguística Textual, concebendo a linguagem como uma ação compartilhada que percorre, em duplo percurso, na relação sujeito/realidade, exercendo função intercognitiva (sujeito/mundo) e intracognitiva (linguagem e outros processos), em relação ao desenvolvimento cognitivo (KOCH, 2009, p. 32).

Reiterando que a relação estabelecida entre a linguagem e a cognição é estreita, interna e de recíproca constitutividade, supõem-se que “não há possibilidades integrais de pensamentos ou

domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos” (KOCH, 2009, p. 32).

Em consonância com a essa conjectura, Koch (2009) enfatiza, junto a Morato (2001) que “A linguagem é tida como o principal mediador da interação entre as referências do mundo biológico e as referências do mundo sociocultural” (KOCH, 2009, p. 32).

Junto a essa concepção, a noção de Contexto é ampliada e parte assim do co-texto, que são as partes textuais precedentes e subsequentes ao fenômeno em foco (fase das análises transfrásticas), passando pela abordagem pragmática, que seria a abrangência do entorno sócio-histórico-cultural, representado na memória (modelos cognitivos), e constituindo, mais recentemente, na perspectiva sociocognitivo-interacionista, “a própria interação e seus sujeitos: o contexto constrói-se, em grande parte, na própria interação” (KOCH, 2009, p. 32.).

Para Marcuschi (2002),

[...] quanto a isso, concordo com Catherine Kerbrat-Orecchioni (1996:41), para quem o contexto deveria ser visto menos como um entorno extralinguístico e muito mais como um conjunto de representações que os interlocutores têm do contexto, isto é, o contexto seria muito mais uma noção cognitivamente construída (uma espécie de modelo) do que algum tipo de entorno físico, social ou cultural. Para a autora (1996:42), o contexto seria um conjunto de dados de natureza não objetiva, mas cognitiva, que se achariam interiorizados pelos interlocutores e mobilizáveis sempre que necessário no ato da enunciação. Citando Auer & di Luzio (1992), a autora lembra que: Contexto não é uma coleção de fatos materiais ou sociais [...] mas um número de esquemas cognitivos acerca do que é relevante para a interação a cada ponto no tempo [...] Esses parâmetros contextuais emergentes referem fatos do conhecimento que deve ser traduzido das disposições cognitivas invisíveis dos participantes para bases normalmente acessíveis nas quais se conduzirá a interação (MARCUSCHI, 2002, p. 46).

A construção do conhecimento que envolve qualquer relação comunicacional entre sujeitos, se configura como um produto da interação social e não de uma mente isolada. Dessa forma, a cognição passa a ser vista como uma construção social necessitando assim de uma teoria linguística e uma teoria social para nos debruçarmos.

Um ponto importante é que nos anos 60 e 70 do século XX, a palavra Estrutura foi imensamente usada, acarretando no seu esvaziamento. Marcuschi (2002) novamente ressalta essa questão, agora em relação ao abuso da expressão cognição, mas do mesmo modo “a expressão interação social esta chegando a um esgotamento pelo abuso. Abuso e o uso indevido e sem um controle do próprio fenômeno construído. Fazem-se necessárias hoje reflexões de caráter epistemológico e não de caráter apenas empírico” (MARCUSCHI, 2002, p. 60).

Em meio a essa mutação de paradigmas a partir do ponto de vista interacional e da noção de contexto agora ampliada, o texto “passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2009, p. 33).

Assim, o processo de ordem linguística, social e cognitiva do trabalho com o texto, considerando o objetivo de promover a aquisição da competência comunicativa dos sujeitos nas diversas situações sócio-interativas e esferas sociais vem se consolidando e abrangendo uma demanda maior de que os estudos textuais se ampliem e procurem dar conta de englobar esses quatro “fatores do ser humano” – social – cognitivo – histórico - cultural. Atualmente sabemos que a perspectiva é que a Linguística Textual (LT), venha constituir como base integrativa de todas as ciências que tenham como foco o estudo do ser humano. (ANTOS e TIETZ 1997 *apud* KOCH, 2009).

Para Bentes (2010), o ponto de vista linguístico, o cognitivo e o social necessitam de articulação transdisciplinar singularizando a linguística do texto “como um tipo de estudo que integra diversas ciências e que integra também perspectivas dentro do campo dos estudos linguísticos” (BENTES, 2010, p.1).

Segundo Bentes (2010):

Por isso é que se pode dizer que os estudiosos da LT, ao enfocarem aspectos que são (aparentemente) de natureza estritamente linguística, como é o caso da AD, de forma a compreender a natureza e o funcionamento dos processos de produção e compreensão dos textos, consideram: a articulação de informações advindas de diferentes teorias linguísticas (como o estruturalismo e o funcionalismo); sem esse tipo de aporte teórico, é difícil compreender como se dá a estabilidade textual (Marcuschi, 2008); a elaboração de categorias analíticas de natureza textual (como por exemplo, a noção de coesão referencial ou de cadeia referencial ou ainda de progressão referencial), que necessariamente demandam a explicação sobre um conjunto de competências sociocognitivas; e uma abordagem intra e interdisciplinar complexa, estabelecendo diálogos no interior da linguística e com outras disciplinas de forma a produzir explicações mais gerais e satisfatórias sobre o fenômeno textual. (BENTES, 2010, p. 143-143)

Em continuidade ao pensamento da autora, Bentes (2010) destaca algumas tarefas urgentes que devemos nos ater na pesquisa em LT:

A meu ver, continuamos a ter pela frente uma urgência de várias tarefas dentre as quais: o aprofundamento das descrições e análises das complexas estruturas textuais; as análises dos processos cognitivos constitutivos das e incorporados às interações sociais que estão na base da produção e recepção dos textos; as investigações das dimensões socio-interacionais da produção e da recepção dos textos; as investigações que enfatizem o entendimento do fenômeno textual articulando seus aspectos formais e socio-históricos (BENTES, 2010, p. 156).

Ainda ressalta que:

pode-se dizer que a LT, de um modo geral, compreende os textos como formas de cognição social que permitem ao homem organizar cognitivamente o mundo (Koch, 2002:157), o que significa dizer que cognição e mundo social encontram-se fundamentalmente imbricados e a LT tem um compromisso com a elucidação dos processos de produção e de recepção textual que se desenvolvem no curso da vida social. (BENTES, 2010, p. 156)

Concluindo com a citação de Bentes (2010), e em meio ao referencial teórico estudado e apresentado, de forma a chegar ao construto que nos pormos: o sociocognitivo, ou a sociocognição, a questão que fica é que embora existam teorias, abordagens e métodos momentaneamente estabelecidos como sociocognitivo e também como psicolinguísticos, preferimos não apresentar o material aqui – por necessitar de um olhar mais atento para analisar e também para não extrapolar o número de páginas estabelecidas –, pois como percebido, existem alguma lacunas que necessitam ser revisadas.

Considerações

Por tudo que foi dito neste espaço, constata-se que há uma grande complexidade nesse processo e que se recorre a uma gama de atividades de ordem sociocognitiva para conferir sentido ao texto. O uso de estratégias cognitivas no texto auxilia no processo interativo, que envolve uma negociação de sentidos, uma vez que os usuários de uma língua constroem uma representação cognitiva da interação verbal que ocorre numa situação comunicativa (MORAES, 2002).

Assim, o ponto de vista linguístico, o cognitivo e o social, por necessitarem de articulação transdisciplinar singularizando a linguística do texto “como um tipo de estudo que integra diversas ciências e que integra também perspectivas dentro do campo dos estudos linguísticos” (BENTES, 2010, p.1).

Sabemos que os textos resultam de um trabalho intersubjetivo, sendo o lugar de interação e constituição dos interlocutores, comportando em si versões de realidade construídas na atividade discursiva. Sendo assim, seu estudo envolve uma conscientização da importância de se adquirir e produzir conhecimentos não apenas sobre formas e competências especificamente linguísticas (FERREIRA, 2009).

E assim, interagindo e sendo conivente com a visão de Ferreira (2009):

Somados a esses, são igualmente necessários conhecimentos cognitivos e sociais, envolvidos na organização, produção, compreensão e funcionamento dos textos, assim como sobre o seu papel na consolidação e estruturação das formas de crença e ordenação sociais. Ativamos, no ato de leitura e da escrita, modelos de situação, de compreensão, expectativas, conhecimentos de mundo etc, que orientam e guiam de modo determinante a nossa produção e compreensão (FERREIRA, 2009, p. 7).

Dessa forma, com base nesses pressupostos que tecemos aqui, sobre um aporte linguístico - de cunho social e cognitivo, de forma a enriquecer o construto sociocognitivo existente, que ainda necessita ser explorado e debatido -, que possa ser aplicado e, conseqüentemente, para que possa se lançar luzes às praticas docentes, a fim de promover a aquisição da competência comunicativa dos sujeitos nas diversas situações sócio-interativas e esferas sociais que vem se consolidando e abrangendo uma demanda maior de que os estudos textuais se ampliem e procurem dar conta de englobar esses quatro “fatores do ser humano” - social - cognitivo - histórico - cultural.

REFERÊNCIAS

ANTOS, G. & TIETZ, H. *O futuro da linguística de texto*. Tradições, transformações, tendências. Tübingen: Niemeyer, 1997.

BEAUGRANDE, R. A., DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.

BENTES, A. C.; Texto: conceitos, questões e fronteiras (com) textuais. In: Inês Signorini (Org.). *(Re) Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008.

____. A abordagem do texto: considerações em torno dos objetos e unidades de análise textual. In: *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, Vol. 1, pp. 18, pp.139-156, 2010.

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. Estrutura da frase simples e tipos de frases. In: MIRA MATEUS et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho Editorial, 2003. p. 433-506.

FERREIRA, T. *Sociocognição: uma abordagem relevante para a compreensão dos processos de construção de sentido*. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT13/13.3.pdf>>. Acesso em: 03 de Ago. 2015.

FIORIN, J.L. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D.L.P. de; FIORIN, J.L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

HEINEMANN, W, VIEHWEGER, D. *Textlinguistik* Eme Einführung Tubingen: Niemeyer, 1991.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

____. *O texto e a construção dos sentidos*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

____. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, I.G.V.; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, I.G.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I. G. V., BENTES, A.C., REZENDE, R. C. Cadernos de Estudos Lingüísticos. *O Tópico Discursivo*. Campinas. N. 48 (1), 2006.

KOCH, I. G. V., Cunha-Lima, M. L. A. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (Orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, I. G. V., MARCUSCHI, L. A. Processo de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.* 14, p. 169-190, 1998.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In; *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucena, 2003, p. 20-36.

____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

____. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: *VEREDAS* – revista de estudos linguísticos, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 6, n. 1, jan./jun., Juiz de Fora: Editora UFJF, p. 43-62.

MORAES, M. *O uso de Estratégias Cognitivas na Produção Textual de Alunos do Ensino Médio*. Disponível em: < <http://www.liber.ufpe.br/teses/arquivo/20050222095624.pdf>>. Acesso em: 3 de Ago. 2015.

MORATTO, E. Neolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.B. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v.2, 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas*, Revista de estudos linguísticos, 3 (1), 61-79, 1999.

SOUZA, S. Lingu(agem)ística e a Ciência Cognitiva: os caminhos da faculdade da linguagem. In: *Web Revista Linguagem, Educação e Memória*. Dourados: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, v. 1, n. 8, jun/2015, p. 1-12.

Recebido em: 20/10/2015. Aceito em: 18/05/2016.